

A Fé

Claudio C. Conti

www.ccconti.com

Segundo o Evangelho de Mateus, Jesus foi procurado por um homem pedindo auxílio para seu filho, disse ele que os discípulos nada puderam fazer para socorrer o rapaz. Após a cura, os discípulos foram ter com Jesus para saber o motivo pelo qual eles não puderam fazê-lo, foi-lhes dito que com a fé do tamanho de um grão de mostarda poderiam transportar montanhas, e nada seria impossível¹.

Com o ensinamento apresentado fica claro o poder que a fé possui. São possíveis algumas interpretações para o termo “transportar montanhas”, porém, se resumem em capacidade de trabalho, isto é, quanto maior a fé, maior será o potencial de realizar tarefas nobres, sejam elas quais forem, tais como: vencer dificuldades, promover harmonia pessoal e familiar, trabalhar em prol do próximo, etc.

Duas características para a fé são apresentadas no O Evangelho Segundo o Espiritismo¹: cega e raciocinada.

Aqueles que possuem uma fé cega não questionam o que é objeto de suas crenças que, dependendo de como é dirigida, pode se tornar fanatismo. Neste caso, ocorre a obliteração do raciocínio, não permitindo que o indivíduo enxergue além.

Considerando que, no caso em que haja o fanatismo religioso, o indivíduo passa a repudiar qualquer outra idéia, pode-se, portanto, correlacionar com o monoideísmo descrito por André Luiz, quando o espírito não mais se sensibiliza com outros desejos e estímulos e, por este motivo, os órgãos do corpo espiritual se atrofiam².

De forma semelhante, pode-se supor que nos casos em que uma vertente religiosa qualquer é baseada no discurso de apenas um indivíduo ou que se mantenha fixa em uma idéia apenas, apresentem grande possibilidade de seus seguidores se aterem a uma idéia somente, formando um círculo mental fechado, propiciando o fanatismo religioso.

A fé raciocinada, em contrapartida, tudo analisa e questiona antes da aceitação da idéia apresentada. Portanto, para alcançar uma boa capacidade de análise e entendimento será necessária a dedicação ao estudo e entrar em contato com pensamentos e abordagens variadas sobre um mesmo tema.

A variedade de expositores é um ponto básico que se deve buscar para abordar assuntos relativos a uma doutrina ou vertente religiosa qualquer, assegurando que

tenham liberdade o suficiente para apresentarem o tema segundo seu entendimento próprio. A formatação de idéias é prejudicial e deve ser evitado, mantendo-se, obviamente, a pureza doutrinária.

Com relação à Codificação Kardequiana, deve-se evitar transformar seu conteúdo em material inquestionável e absoluto. A natureza do trabalho desenvolvido por Kardec é de estudo e como tal deverá permanecer, pois apenas através da apreciação minuciosa é que se torna possível o seu entendimento.

Portanto, a diversidade de divulgadores e o estudo constante e aprofundado minimizam a probabilidade de fanatismo entre os espíritas.

Novamente fazendo menção da passagem de Jesus sobre a fé do tamanho de um grão de mostarda, pode-se perguntar: Como aumentar a fé?

No livro O Evangelho Segundo o Espiritismo fica claro que a fé não pode ser prescrita como se fosse um medicamento nem, tampouco, surgir de um momento para outro naquele que não a possui, como uma imposição. Portanto, deve-se concluir que a fé pode ser desenvolvida e, para isto, necessita de entendimento, como é apresentado no seguimento de texto a seguir¹:

“A fé necessita de uma base, base que é a inteligência perfeita daquilo em que se deve crer. E, para crer, não basta ver; é preciso, sobretudo, compreender”.

Segundo o exposto, fica claro o motivo pelo qual muitos dizem que mesmo que vissem um espírito, por exemplo, não aceitariam a sobrevivência da alma após a morte do corpo físico.

Ainda seguindo esta linha de raciocínio, verifica-se a necessidade do entendimento dos pontos de uma crença ou religião para que o indivíduo possa desenvolver a fé raciocinada, como bem apregoa o Espiritismo. Assim, o estudo de temas espíritas e, conseqüentemente, de temas correlatos, são fundamentais para se adquirir ou desenvolver a fé.

A importância dos temas correlatos, isto é, a informação trazida diariamente pelos avanços da ciência e de tantos filósofos atuais e do passado assim como, porque não dizer, das vertentes religiosas em geral, auxilia no aprimoramento pessoal e na compreensão mais profunda dos ensinamentos espíritas.

É preciso estar ciente de que os espíritos não vão desperdiçar o próprio tempo nem dos médiuns para trazerem informação que já está disponível por outros meios. Portanto, os espíritas não devem incorrer no equívoco de achar que apenas o Espiritismo é detentor da verdade absoluta, como apregoam tantas vertentes religiosas e de pensamento.

São muitos os exemplos que demonstram a necessidade da complementação do estudo doutrinário, basta ver o trabalho de espíritos como Joanna de Ângelis, André Luiz e Emmanuel, apenas para citar alguns. Os avanços da Física com a Teoria da Relatividade e a Física Quântica, da Psicologia com o legado deixado por Carl G. Jung, considerado o Pai da Psicologia Analítica, da Biologia, etc. são de grande auxílio para o entendimento do conteúdo do Pentateuco Kardequiano.

O avanço do conhecimento humano em geral não é fruto apenas do trabalho dos espíritos encarnados, mas também dos desencarnados que sugerem idéias àqueles que estão aptos para compreendê-las e aplicá-las para o bem geral³.

Sob este aspecto, aqueles que se sentem desconfortáveis em abordar os temas espíritas sob a luz de outras fontes, para aprimorar o entendimento, estão equivocados ou não estão fortalecidos o suficiente na Doutrina para terem suas crenças analisadas. É imperioso lembrar de que “Fé inabalável só o é a que pode encarar de frente a razão, em todas as épocas da humanidade”¹.

Qualquer temor é infundado, pois a Doutrina Espírita foi preparada adequadamente por aqueles que entendem do assunto, que são os espíritos responsáveis pela Codificação.

Bibliografia

- 1) Kardec, Allan; O Evangelho Segundo o Espiritismo; 112ª edição, Federação Espírita Brasileira, 1996; Cap. XIX.
- 2) André Luiz (espírito); Evolução em Dois Mundos; psicografia de Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, 15ª edição, Federação Espírita Brasileira, 1997; Cap. 12.
- 3) Kardec, Allan; O Livro dos Espíritos; 77ª edição, Federação Espírita Brasileira, 1997; Questão 462.